

## **Ficha Técnica**

**Deponente:** Giuseppe Cilento

**Perfil:** Naturalizado brasileiro, nasceu no dia 21/07/1923 em Sorrento, na Itália. Bacharelou-se em Química em 1943 e doutorou-se em 1946 pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidad de São Paulo. Tornou-se Livre Docente do Departamento de Química da mesma Faculdade em 1955 e Professor Catedrático em 1961.

Estagiou em diversas universidades e institutos de pesquisa no exterior, desempenhou atividades administrativas em entidades científicas e publicou mais de 150 trabalhos em periódicos nacionais e internacionais. Obteve fama internacional com seu trabalho sobre a expansão das camadas eletrônicas de valência do enxofre, mas desenvolveu muitos outros trabalhos cujos resultados constituem fatores fundamentais para o desenvolvimento da “fotoquímica sem luz”.

Convidado pelo Professor Zeferino Vaz, coordenou a formação do Instituto de Química da Unicamp, onde permaneceu por 12 anos (1966-1978). Nessa empreitada fixou as bases e as diretrizes do Instituto que foi se formando, se firmando e crescendo. Por esse trabalho recebeu o Prêmio Moinho Santista e, em 1991, o título de Professor Emérito da Unicamp.

Morreu em

**Tipo de entrevista:** depoimento

**Entrevistador:** Eloi José da Silva Lima

**Local e data da entrevista:** Instituto de Química da USP, 03/04/1989

**Duração:**

**Fitas cassetes:** 2

**Transcrição:** Oscar Teixeira Júnior

**Conferência de transcrição e editoração:** Vânia Regina Personeni de Miranda

TRANSCRIÇÃO DO DEPOIMENTO ORAL DO SENHOR PROFº Dr. **GIUSEPPE CILENTO**

ELOI /05 - G.1

LADO A

R.: Se quiser por causa do barulho pode ser fechada a janela, viu? (outras falas não compreensíveis)

P.: Professor Giuseppe Cilento, nós estamos aqui em nome da Unicamp, do Arquivo Central da Universidade de Campinas. Meu nome é Eloi Lima, na data de hoje, 03 de abril de 1989, aqui no Instituto de Química da USP, e esse nosso encontro visa a tomada do seu depoimento, das suas impressões a respeito de parte da história da Universidade que cobre justamente o período do Professor Zeferino Vaz; desde a fundação até 1978. Período que nós estamos chamando período de fundação da Universidade de Campinas. Então, inicialmente eu lhe pediria que fizesse uma breve exposição sobre a sua carreira científica, da sua carreira acadêmica até o senhor chegar na Unicamp.

R.: Bem, mesmo quando eu cheguei na Unicamp, eu continuei aqui na Universidade de São Paulo, aqui no Instituto de Química, de forma que eu nunca me desliguei do Instituto de Química, e as atividades de Pesquisa que eu realizei durante toda a minha vida profissional, elas foram todas realizadas aqui no Instituto de Química da USP. Agora, a minha função em Campinas foi criar o Instituto de Química do qual eu então fui o coordenador e diretor desde a fundação, até quando eu saí. Então foram, vamos dizer o seguinte: também eu não posso dizer que foram atividades administrativas porque eu sempre tive uma certa ojeriza

para administração e, mas havia um vice-diretor, excelente, que faleceu em 76, professor Jair de Paiva Campelo. Então, a minha atuação em Campinas, ela foi possível graças ao professor Jair de Paiva Campelo. Em outras palavras eu levei para Campinas toda a minha formação, a experiência da minha formação acadêmica, toda a experiência profissional que eu tinha, para que se criasse um Instituto de bom nível dentro da realidade, dentro das possibilidades. Então, eu me preocupei muito com a procura de elementos, a seleção de elementos, como esses elementos se comportavam e em evitar certos erros característicos de várias outras Universidades, dentre as quais a USP. Por exemplo, é sabido, há muitos indivíduos, fazem parte do corpo docente, agora eu me refiro especificadamente ao corpo docente, se produzem ou não produzem, tanto faz, eles continuam na mesma posição, no mesmo cargo, e nós temos certos casos na USP, casos crônicos de gente que só aparece para dar aula, mesmo gente de tempo integral, gente que some meses durante o período de férias, que não fazem trabalho de pesquisa. Existe muita gente que nós sabemos perfeitamente como é, não só na USP como em outras Universidades, gente assim... encostada. Isso no Instituto de Química nunca permiti. Isso não, poderia um indivíduo não se mostrar muito habilidoso para pesquisa apesar de quando ter sido contratado as informações terem sido boas. Ao final de contas, uma pessoa que nunca correspondia era uma pessoa que era advertida, mas nunca por exemplo, foi posto para fora uma pessoa assim sem advertência. Em outras palavras, muito bem... não está tendo atividade de pesquisa satisfatória vamos então, aumentar a carga didática, bem, não tendo demonstrado habilidade para pesquisa mas, entende bastante de aparelhagem, ótimo, poderá ser aproveitado nesse aspecto; quer dizer, havia que dar uma contribuição ao Instituto, não se tolerava elementos parasitos. Como lhe digo, isto não quer dizer que forçosamente todos tenham que pesquisar as certas atividades de pesquisa, porque às vezes a pessoa não demonstra a habilidade que parecia ter, corresponder, mas pode vir a ser um elemento muito útil para o Instituto, entende. E foi sempre essa filosofia que me orientou procurando evitar esses erros quase irreparáveis que existem nas Universidades e que naturalmente, pior ainda, no funcionalismo público em geral. A pessoa que não

correspondia era avisada, se o senhor não está correspondendo o seu contrato será renovado desta vez apenas por um tempo "X" em vez de que o normal dois "X" e nunca se fez uma injustiça. Então como eu continuava aqui no Instituto onde tem todas as minhas atividades de pesquisa. Como eu lhe disse, a minha atuação em Campinas só foi possível graças ao vice-diretor Jair de Paiva Campelo. Ele faleceu em 76, aí de 76 até junho de 78, que foi quando eu saí, acabou também o período do Zeferino, aí eu contei com o apoio do Professor Aécio Pereira Chagas que também foi excelente, de forma que os 12 anos que eu transcorri em Campinas como, na organização do Instituto, que só foi possível por ter contado durante dez anos com o Professor Jair e depois dois anos com o Professor Aécio. Elementos aos quais eu acho que o Instituto de Química e a Unicamp de forma geral devem muito.

P.: Professor, eu gostaria que o senhor agora fizesse uma exposição sobre as idéias e as suas expectativas sobre o que deveria ser a UNICAMP, nesse período de criação, inclusive falasse do ponto de vista filosófico em relação ao ensino, pesquisa, sobre a educação num contexto mais amplo, quais eram as suas idéias, como o senhor imaginava que a UNICAMP deveria ser.

R.: O que eu expus da minha atuação no Instituto de Química reflete justamente o meu modo de pensar e que correspondia às idéias gerais do Professor Zeferino, ter uma Universidade ativa, muito importante, uma Universidade que prestasse serviços à sociedade. O Professor Jair que era o vice-diretor, também era elemento bem mais moço tanto por idade e, conseqüentemente também por atividade profissional, mas ele compartilhava plenamente desta filosofia, desse modo de pensar. E devo lhe dizer que eu sempre admirei muito o Professor Zeferino porque eu via nele essa mentalidade renovadora, essa confiança, que ele tinha em si mesmo de poder obter os fundos necessários para a Universidade. Talvez posso explicar com algum exemplo. Se se sabia que havia certas pessoas muito boas, disponíveis, cientistas, ele pedia que os

convidasse a ingressarem na Unicamp, mesmo que, naquela situação atual não dispusesse de vamos dizer, havia dificuldades ou de ordem administrativa ou de ordem...

P.: Financeiras

R.: De qualquer dificuldade, a pessoa é boa, é uma aquisição para a Unicamp, pode ser uma ótima aquisição para a Unicamp, isso vinha em primeiro lugar, então ele, aí a habilidade e a confiança que ele tinha de sobrepujar as dificuldades. Isso é um aspecto extremamente, vamos dizer, que eu admirava muito no Professor Zeferino. Com ele o meu relacionamento foi sempre muito... cordial, e foi sempre numa base, vamos dizer, cem por cento profissional. Então, eu no seguinte sentido, que eu estava com ele somente nos dias marcados para recebimento do Diretor do Instituto de Química. Fora isso, eu não o procurava, vamos dizer o seguinte, não lhe via no ambiente da Reitoria, relações muito boas, mas técnicas e profissionais que sempre foi nessa base. Houve épocas de uma certa tumultuação interna, eu sempre em tudo, sempre dei meu apoio porque ele era uma pessoa que merecia e uma pessoa de grande visão, batalhador, já vinha com uma reputação de ter feito uma outra escola de Medicina em Ribeirão Preto, então eu tive um excelente relacionamento com ele, ele sabia que eu sempre me limitava ao necessário, o que eu pedia era realmente necessário, então, ele sempre me atendeu... nosso relacionamento foi... nós nos entrosávamos muito bem.

P.: Professor Cilento, no seu trabalho no Instituto de Química, o senhor atuou só no Instituto de Química ou também em alguma (barulho intenso ao fundo; de objetos caindo) Comissão...

R.: Não, eu precisaria agora fazer um esforço de memória para ver se eu tive oportunidade de atuar em outros aspectos...

P.: Alguma Comissão... O senhor fez parte, por exemplo daquela cúpula da Comissão de Planejamento...

R.: Não. Eu fui sempre, a atividade toda foi no Instituto de Química, inclusive o fato de eu ser, ter uma certa conhecida ojeriza para administração e outras funções, e o fato também de eu continuar ligado a São Paulo, quer dizer, não estando permanentemente em Campinas, eu acho que isto já tirava de qualquer cogitação. A única coisa que eu posso lembrar é a seguinte, que eu fiz parte da primeira lista tríplice para a escolha do Reitor, em Campinas, na Unicamp. O último período do Professor Zeferino, ele foi Reitor eleito, os últimos quatro anos, quando faltavam quatro anos para a aposentadoria compulsória, houve a votação para a lista tríplice ser submetida ao governador e eu entrei nessa lista tríplice, meu nome foi lembrado penso que eu, Professor Zeferino (pausa) interveio nessa lembrança do meu nome. Então, é uma honra muito grande ele, naturalmente nunca esperava que viesse a ser escolhido para Reitor. Acho que era óbvio que o Professor Zeferino ia ser o Reitor, mas o simples fato de integrar essa lista tríplice acho que foi uma distinção bastante grande e prova de amizade também. Agora, que eu tenha participado em comissões ou qualquer outra atividade não me lembro e acho muito pouco provável, eu digo, as minhas características, ou seja, estar ligado a São Paulo, então, não estava permanentemente em Campinas, o que limitava muito e, também que eu sempre me limitei a dar a minha experiência profissional que era na parte de organização do Instituto e isso que eu expliquei no começo. Era o papel que eu, assim que eu via a minha função, não havia outra razão para, não é? Então, eu não acredito que eu tenha participado de outras. Mas têm, agora me lembro de um pequeno incidente que não foi com o professor Zeferino, foi com alguém que queria que eu tivesse uma certa fun... participasse de alguma coisa que realmente era mais administrativa, burocrática, e eu falei que não

participaria, a pessoa insistiu então eu disse que me demitiria, então, o Professor Zeferino quando soube do caso imediatamente, mandou retirar esta, como se diz esta...

P.: Nomeação

R.: Esta indicação, este pedido que me fizeram, minha vida toda, vamos dizer, sempre dedicado à pesquisa científica, mas eu não meço tudo em termos de produção científica, eu acho que existem, vamos dizer, outras coisas que tem um peso muito forte, eu acho, no que se considera auto satisfação, e eu considero o meu período em Campinas vamos dizer, um período muito importante profissionalmente da minha vida, quer dizer, eu me sinto muito orgulhoso, muita satisfação de ter contribuído esses doze anos em Campinas. Eu sou conhecido como alguém que só se interessa por pesquisa, isso em grande parte é verdade, mas Campinas mostra que não é sempre..., absolutamente.

P.: Professor, o senhor lembraria então, dessa sua contribuição na Unicamp, através da implantação do Instituto de Química, além daquelas coisas que o Senhor já falou sobre a sua firmeza em cobrar produção científica, em fazer com que o corpo docente de fato se empenhasse ao trabalho, além disso o que mais o Senhor se lembraria como sendo as suas contribuições na implantação da UNICAMP e do Instituto de Química?

R.: Bem esta foi a atividade certamente primordial, mas posso lhe dizer que não foi nada fácil devido às circunstâncias. Em outras palavras, quando começou, se instalou, se criou a Unicamp, então, com ele o Instituto de Química. Arranjar professores, naquela época praticamente só se podia contar com professores de outras Universidades, nesse caso essencialmente em São Paulo, que a Universidade permitia que um

professor, durante dois anos, acumulasse com uma outra escola do interior, foi a época em que surgiram, a década dos anos 60 e dos anos 70 e principalmente no princípio dos anos 70, que surgiram várias escolas. A meu ver, aliás, de uma forma muito errada várias delas (tosse). E, realmente não havia elementos disponíveis (barulho de objetos caindo ao fundo) , para essas não havia elementos disponíveis para essas escolas que foram criadas assim... Algumas, sem dúvida, foram por razões políticas. Cidade X nós queremos a nossa Faculdade de Medicina, ou na cidade Y nós queremos a nossa Faculdade de Engenharia e os governadores sem ter muito um conceito de Universidade foram criando essas escolas para agradar essas cidades, então, surgiram escolas, mas onde é que estavam os professores? Não havia professores, então, o que se dispunha era a possibilidade de convidar professores, por exemplo, aqui da USP para que acumulassem durante dois anos, era o que vulgarmente se chamava professor táxi, que ia e voltava, ministrava aula e voltava. Com isso, naturalmente, não se faz um Instituto. No começo, logo no começo ficou evidente que, precisaríamos, era necessário procurar elementos no exterior e foi assim que nós fizemos periodicamente anúncios em revistas internacionais e (pausa) seleção. Bem, aí tenho que dizer, vamos, agora nos referir aos elementos nacionais. É claro que havia elementos nacionais muito bons na Química, agora eu falo em Química. Aqui, por exemplo, na USP e em uma outra, com menor número, também em certas outras escolas do Brasil, mas eu não achava, eu pessoalmente, eticamente correto convidar essas pessoas porque achava que em termos nacionais, não havia benefício nenhum em tirar um elemento bom de um lugar para pô-lo num outro lugar. Como isso não em termos nacionais não tinha,então, eu nunca convidei qualquer elemento assim, para Campinas, para a Unicamp, porém, quando havia um ótimo elemento que dizia que ele queria se mudar para a Unicamp, aí eu não deixava escapar a oportunidade, aí era um outro fato. A pessoa quer se mudar, São Paulo é uma cidade que tem, oferece uma qualidade de vida para quem tem uma família, ou pessoa que do Rio mesma coisa, então, quando me solicitavam, me consultavam, eu naturalmente os aceitava. Quanto aos elementos do exterior, tenho que dizer o seguinte, que o Instituto de Química chegou a ter muitos destes

elementos, talvez tenha fase que até tenha superado os 50%. Muitos voltaram, alguns se fixaram, mas foram periodicamente, fazíamos novos avisos nos jornais e revistas internacionais e havia sempre um grande número de candidatos que nós selecionávamos e foram feitas ótimas aquisições. No começo, nós não podíamos ser realmente muito exigentes com esses elementos estrangeiros porque uma Universidade nova, um lugar desconhecido. Então, uma pessoa do exterior que respondia a um apelo da Universidade, a um anúncio da Universidade de Campinas, a pessoa, naturalmente, estava também se candidatando a outros avisos internacionais, entende, então, nem sempre os melhores elementos foram para Campinas. Mas, isso não impediu que excelentes elementos se fixassem em Campinas,mas houve também a fixação de elementos mais modestos. Raramente nós conseguíamos as pessoas de um currículo excepcional, porque, como lhe expliquei, se uma pessoa estava, por alguma razão, interessada em sair do seu país para um outro lugar ele via esse anúncio de Campinas; certamente havia anúncios também, como sempre há, de outros países e, quanto mais excelente o currículo, menor as chances de..., mas isso não vale como regra porque em Campinas se fixaram elementos estrangeiros de primeiríssima. Eu não vou mencionar nomes porque se eu menciono um, faço uma injustiça com outros, mas há elementos de... Muitos foram embora porque não se adaptaram, porque a família forçou não se adaptou e forçou a saída. E mas muitos se fixaram, e hoje temos um bom Instituto.

P.: É professor,...

R.: Acho que essa vai ser sua última porque por hoje então.

P.: É? O senhor tem...

R.: Às 15 para as cinco tenho reunião.

P.: É, próximo daqui o senhor já perguntou...

R.: Não, é a sala em frente. Mas antes disso eu passo no "toilet" e, mas temos tempo para mais, para mais.

P.: No período de criação da Universidade de Campinas, o Brasil vivia uma determinada situação política, econômica. O que o Senhor acha que isso interferiu na Unicamp, a situação econômica, se favoreceu, se prejudicou, a situação política.

R.: Eu não creio que a situação econômica tenha prejudicado, eu não me lembro de nada que, semelhante ao que se passa de uns anos para cá. Agora na política sim, assustava muito as pessoas, antes, era uma época de insegurança, uma insegurança que todos sentiam e... Mas eu acho que o professor Zeferino foi muito habilidoso em lidar com esta situação assim política e, essa insegurança que havia, acho que ele lidou, soube lidar com essa situação, (pausa demorada) é o que eu...

P.: Acho melhor parar não é.

R.: É, tenho reunião também, é, e entre uma coisa e outra, essa reunião agora é uma exposição de trabalho feito aqui pelo meu grupo, uma coisa que é desgastante porque são feitas perguntas, são feitas críticas, então tenho que responder... Então, têm...

P.: Exigir mais...

R.: Exigir, tem... Agora o, vamos dizer o seguinte se quiser amanhã de tarde eu tenho um certo tempo, fora isto, essa semana não posso, não posso garantir. Eu digo isso porque se quiser, posso deixar isso debaixo de chave, em algum lugar.

P.: Me diga uma coisa Professor, o senhor acha que talvez não seja mais conveniente nós aguardarmos inclusive, sua recuperação, o Senhor ainda está se recuperando um pouco da enfermidade. O que o senhor acha?

R.: Não, eu acho que, eu acho que mais uma hora por dia não vai causar mal, por enquanto. Eu deixo a seu critério.

P.: Professor, o senhor acredita que ainda o senhor está em uma, o senhor deve se recuperar um pouco ainda da...?

R.: Eu digo sim porque à conversa já começo a me sentir cansado, me falta fôlego,...

P.: Eu não sei, eu tenho, eu tenho a impressão que seja melhor, porque nós não temos tanta pressa. E talvez seja melhor esperar o senhor se recuperar bastante...

R.: Tudo bem.

P.: Porque deve quando puxar o fôlego...

R.: Tudo bem.

P.: Meio cansativo.

R.: Tudo bem. É isso poderá levar um certo tempo, porque já está levando um certo tempo. Eu só vejo altos e baixos nessa minha situação de recuperação, de forma que (pausa) quiser que eu lhe avise ou..., a única coisa que eu posso lhe dizer, por exemplo, que amanhã poderia dispor de uma hora sim, você agora se preferir, alguma coisa no futuro, por exemplo, num período mais longo, provavelmente terei condições de, deixa...

P.: É, e estou achando, eu estou achando melhor, é, que o senhor se...

R.: Está bom.

P.: ... reestabeleça...

R.: Está bom

P.: É realmente cansativo uma pessoa que está no estado...

R.: Eu tenho que fazer um esforço também de... memória (simultaneamente com Eloi).

P.: Então faz o seguinte. Por enquanto eu agradeço a...

R.: Está certo.

P.: ...a sua atenção e depois numa outra oportunidade...